

10/6/1984

Plantador de cana paulista ameaça parar entregas

SERTÃOZINHO, SP — Os plantadores de cana da região Oeste de São Paulo, que realizaram na manhã de anteontem a maior manifestação pública de sua história, garantiram que, se o Governo Federal não atender suas reivindicações, paralisarão a entrega de cana às usinas.

Responsáveis por 30 por cento da produção do Estado, eles reivindicam o aumento da tonelada de cana para Cr\$ 19 mil, com pagamento integral e à vista, e reformulação do sistema de cota de produção que, segundo eles, prejudica São Paulo. Por causa da manifestação, anteontem não houve entrega de cana às usinas. Apenas os cortadores trabalharam normalmente.

O movimento, promovido pela Associação dos Fornecedores de Cana da região Oeste do Estado (Canaoeste), com sede em Sertãozinho, e que tem quase dois mil associados, durou duas Miras. Quase mil veículos — entre caminhões, tratores, carregadeiras de cana e automóveis — desfilaram buzinando pelas ruas centrais da cidade, levando faixas com pedidos e críticas. "A Cana é Doce, o Preço Azedo", "Queremos o fim do parcelamento", "Aumento não cobre o custo da produção", foram algumas das faixas apresentadas no desfile.

Além dos fornecedores de cana da região, participaram representantes de outras áreas como Piracicaba, Catanduva e Igarapava. Depois da passeata, os manifestantes fizeram discursos na praça principal da cidade, de 50 mil habitantes, cujo trânsito foi totalmente bloqueado na área central.

O produtor Maurício Cesar Veludo, de Ribeirão Preto, lembra que a região optou pela cana por causa dos incentivos do Proálcool. E desabafa: "hoje estamos achatados, prestes a perder as terras para grandes grupos econômicos, atolados em juros bancários e naufragos num mar de cana".

O Presidente da Canaoeste, Fernandes dos Reis, reafirmou os termos do manifesto distribuído à população, assinado pela agroindústria canavieira. Citou o problema de os custos de produção serem altos, "enquanto o Governo nos determina os preços mais baixos do país. Por isso queremos igualdade de condições de produção e comercialização. Fernando Reis argumenta que o Sul do país não tem os subsídios concedidos aos produtores do Norte. Frisou ainda que os produtores comprem insumos a preços corrigidos mensalmente com base nas ORTNs, mas são obrigados a vender o produto a preço fixo. Quando ocorrem reajustes, segundo afirmou, são inferiores à desvalorização do dinheiro.

Eles se queixam também que os Estados do Sul ficaram com menor cota de produção do que o restante do país.

— Isso vai provocar a sobra de cana em pé e redução da utilização da mão de obra — acentua.

Mesmo assim, o Presidente da Canaoeste garantiu que o produtor de cana tem condições de cumprir o Acordo de Guariba "pois já o assimilamos".

(Página 38)